

RELATO DE UM ESTUDANTE ESTRANGEIRO SOBRE O CICLONE DE 2023*Report from a Foreign Student About the 2023 Cyclone*Ayolsé Andrade Pires dos Santos¹**RELATO PESSOAL**

Os últimos ciclones que ocorreram no sul do Brasil em 2023 foram sem dúvida a pior catástrofe já registrada. O fenômeno natural que não poupou casas, carros, árvores e vidas, foi a gota d'água para refletirmos o verdadeiro papel do Estado para com a sociedade brasileira. A necessidade de um Estado protetor que garanta as condições à população antes que o pior aconteça, que esteja atento às necessidades dos mais necessitados foi sem dúvida a lição que deveríamos ou devemos tirar com as catástrofes que ocorreram. Porém, as catástrofes ambientais não são as únicas, fome, desemprego, acesso a saúde e educação, são catástrofes com as quais o Brasil convive há muito, mas, que tem feito vista grossa. Enquanto na esfera política negociam os direitos fundamentais de seres humanos, estes por sua vez sofrem crueldade da falta de sensibilidade, empatia e afeto dos seus legisladores.

Esse curto relato tem como objetivo, compartilhar a minha experiência aterrorizante de ter presenciado essa tragédia. Sou nascido e crescido em São Tomé e Príncipe, um arquipélago com menos de 250 mil habitantes localizado no continente africano, concretamente no Golfo da Guiné. Atualmente residindo em Pelotas por motivo de estudo, sou doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pelotas, curso este que comecei em março de 2023.

Quando decidi que vinha a Pelotas, muitos alertaram que era uma cidade onde faz muito frio. Eu que sempre vivi num país de clima equatorial devo confessar que já ficara triste antes mesmo de chegar à cidade, pois, no meu país o frio que nos aterrorizava era de uma temperatura média de 17° C.

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela (UFSCar), Mestre em Ciências Sociais (UNESP). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pelotas (PPGCPol/UFPel). Bolsista CAPES. Pesquisador do Grupo de Pesquisa CNPq Centro de Estudos Estratégicos e Planejamento Espacial Marinho (CEDEPEM). E-mail: ayolsesantos@hotmail.com

Saber que iria enfrentar temperaturas abaixo de 10° C me rendeu um preparo psicológico. Embora até o momento não tenha conseguido me adaptar ao clima da cidade, os dias de ciclones foram dias que jamais esquecerei. Foram aulas canceladas, agendas adiadas, dias sem energia, luz e internet. Ventos fortes de alta magnitude pareciam que o prédio não resistiria. O zumbir dos ventos fortes, com a casa escura sem luz, foram momentos de pânico.

Contudo, sabia que enquanto permanecesse em casa estaria a salvo. E os que moram na rua e não têm uma casa? Aqueles que nos dias de frio estavam dormindo na frente dos mercados próximos a minha morada.

Por outro lado, esses momentos foram mais aterrorizantes para minha mãe. Lá, do outro lado do Atlântico, ela assistia aos noticiários, via aquelas imagens catastróficas que viralizaram na mídia e não conseguia falar comigo. Sem notícias minhas, a minha mãe viveu o seu maior momento de pânico.

Estar em Pelotas nos dias de ciclone, e ver todo estrago causado, me chamou atenção para uma reflexão do meu próprio país, sobre a necessidade da conscientização sobre problemas ambientais, algo que vem sendo pouco debatido no país. São Tomé e Príncipe é um Estado insular e apresenta inúmeras vulnerabilidades. A falta de política pública de habitação tem gerado diversos problemas ambientais para o país que, por sua vez, têm sido ignorados. As ilhas de origem vulcânica com apenas 1001 km², tem a maior parte da sua população vivendo em condições de vulnerabilidade social. São Tomé e Príncipe é um país cuja maioria das casas são feitas de madeira. Isso por sua vez tem contribuído para abate excessivo de árvores. Por outro lado, as casas de alvenaria são construídas com areia proveniente do mar, o que tem levado a extração excessiva de areia, além de ter suscitado comércio clandestino de areia feitas por moradores das zonas costeiras que, por falta de emprego, fazem dessa prática uma forma de ganhar algum dinheiro. Consequência disso tem sido a degradação das praias que já são visíveis bem como a subida do mar que já têm comprometido as comunidades costeiras. Logo isso coloca como o grande desafio para o país. Como prover habitação sem degradar o meio ambiente? Sem dúvida alguma, esse é um desafio lançado tanto para os atuais dirigentes políticos bem como para a sociedade civil e, sobretudo os jovens. Pensar em um mundo melhor, é pensar um mundo para gerações vindouras. E isso por sua vez, é um desafio coletivo, que nos chama a pensar com base no amor, na empatia, no senso de justiça, e não com base em nossos ideais políticos econômicos. Os desafios colocados pela questão ambiental é sem dúvida alguma, um desafio aos nossos egos, só assim seremos capazes de construir um mundo melhor.